

Viagem

Aparelhei o barco da ilusão
 E reforcei a fé de marinheiro
 Era longe o meu sonho, e traiçoeiro
 O mar ...
 (Só nos é concedida
 Esta vida
 Que temos;
 E é nela que é preciso
 Procurar
 O velho paraíso
 Que perdemos.)

Prestes, larguei a vela
 E disse adeus ao cais, à paz tolhida.
 Desmedida,
 A revolta imensidão
 Transforma dia a dia a embarcação
 Numa errante e alada sepultura...
 Mas corto as ondas sem desanimar.
 Em qualquer aventura.
 O que importa é partir, não é chegar.

Miguel Torga, Câmara Ardente

Porque o que importa é partir e a caminhada ainda agora se iniciou e se espera longa, não existem, neste momento, palavras certas para dizer o que é a RT&D. Por ora, adiantaríamos, um projecto de viagem pelo mundo do turismo que vai tomando corpo à medida que dá voz escrita aos que se interessam e estudam o facto turístico; dito de outro modo, um esforço de dar a conhecer o que o conhecimento conhece do turismo - o turismo é o fio que tece a malha de vozes, leia-se artigos, alinhada em cada número da RT&D.

Ainda mais porquanto, de um tempo em que o lugar reservado ao turismo nos mapas das agendas investigativas foi o de *não-lugar*, os tempos actuais parecem firmar-se como o período em que a produção portuguesa em matéria de turismo caminha para a fase da maturidade científica. Na verdade, se desde os anos 80 a atenção de vários cientistas sociais portugueses tem sido concitada, multiplicando e densificando a construção social do turismo, pareceu-nos ser chegado o momento de, com este projecto editorial, *fazer lugar*, celebrar o fim da ausência do turismo das arenas da investigação e reclamar a sua construção como objecto autónomo de conhecimento.

Nesta aventura de *fazer lugar* são dois os pontos de partida e as suas respectivas coordenadas.

Uma voz entre vozes: de um diálogo multivocal...

A cartografia deste percurso releva, em primeiríssima mão, da existência de um vasto património de saberes acumulado sobre o facto turístico, o qual constitui a âncora e baliza o horizonte analítico que esta publicação procura tornar audível. Se atendermos à formulação do facto turístico como um caleidoscópio cujas dimensões se refractam em múltiplos ângulos, múltiplas são, em homologia perfeita, as vozes, as análises discursivas que sobre ele discorrem, amiúde em acordes dissonantes. Daqui resulta que os três números dados à estampa tenham sido com tema em aberto, marcando a vontade de firmar um território sem fixações temáticas prévias, pouco ancorado em filiações disciplinares e dentro destas em obediências paradigmáticas e/ ou metodológicas, num entrelaçar de leituras que assume

explicitamente esta pluralidade e a sua não convergência no sentido de um alinhamento discursivo. É este discurso diverso e plural e a busca da polifonia ideal que conferem unidade e sentido à RT&D.

Porém, a RT&D não se limita a tornar audível a produção científica existente, representa, outrossim, a oportunidade de alargar latitudes e longitudes, ao trazer luz a áreas por vezes deixadas na penumbra e ao acolher novos territórios de investigação gerados pela legitimação de diferentes leituras interpretativas, nem sempre convergentes, muitas vezes até antagónicas e que, justamente por isto, são a matriz que enriquece e aprofunda o conhecimento sobre o facto turístico. É, pois, ambiciosamente a ideia de *investigação a fazer-se* e não de *ciência feita*.

Outra rota tem sido a da internacionalização. Os números vindos a lume anotam a abertura da edição a outras línguas para além da portuguesa, percorrendo e evocando vozes oriundas da comunidade internacional, porquanto é, entre outros aspectos, na dimensão comparativa que nos revemos e atribuímos significado ao nosso próprio percurso.

Em suma, a RT&D regista a heterogeneidade e tensão numa produção conjugada no plural e, com este propósito, insiste em deixar, como legado maior, a força da multivocalidade que enforma o campo de estudos do turismo.

à aceitação das vozes vindas de fora

De lugar fortemente ancorado no estatuto de revista científica, ousámos todavia, no confronto dilemático teoria/ praxis, achar ser possível uma versatilidade vocal ainda maior — um encontro entre *académicos* e *práticos*, numa tentativa de relacionamento não hegemónico, que não secundariza as falas da não-ciência e revaloriza os saberes técnicos e aqueles produzidos fora dos sistemas periciais tradicionais do conhecimento. Num processo de desconstrução de fronteiras, ensaia-se albergar outros registos e privilegiar as vozes provenientes do diálogo com a fileira do turismo. Aliás, as interpelações oriundas do próprio tecido e mercado turísticos, na urgência e complexidade da resolução dos seus problemas, exigem a mobilização conjunta de ambos os saberes, expandindo os respectivos universos e encurtando as distâncias. No entanto, resulta com particular clarividência a verificação de que o transportar deste diálogo para o interior da nossa publicação não tem corrido de forma célere e é um objectivo ainda por concretizar.

Mas, como qualquer projecto editorial, também este possui uma lógica própria de gestação e maturação, pela qual arranjos vários, de forma e conteúdo, se concretizam e concretizarão ao fio dos próximos números, forjando a identidade e o lugar que a RT&D possa vir a ocupar e tendo, como estrela polar, a preocupação de não abafar nunca o pulsar do mundo do turismo.

A terminar, porque tem sido longo e duro o rasgar deste caminho e porque sempre colheu a ideia de um trabalho em equipa, de co-construção, em que todos são parte dum projecto a realizar, fica para a memória o registo do entusiasmo, empenho e persistência daqueles que, permanecendo criptónimos, de bússola na mão e, nos olhos, o brilho do sonho e da inconsciência de quem principia, participaram no traçado das rotas de abertura: Bruno Pereira, primeiro navegador e os que se lhe seguiram, Nuno Lopes, André Delgado, Pedro Rodrigues, José Miguel Brás e Joana Silveira. Nada mais justo do que este gesto de reconhecimento aos que, no passado, ajudaram a realizar o futuro.

Chegados aqui, escreveria Pessoa, criou-se um novo projecto, resta cumpri-lo.

P'la Comissão Editorial

Paula Alexandra Malta